

Stadium

N.º 177 — 24 de Abril de 1946 — Esc. 2\$00

O GRUPO DE HONRA DO VITÓRIA DE SETUBAL



Em baixo da esquerda para a direita : — Campos, Nunes, Rodrigues, Rendas, e Cardoso Pereira.
Em cima : — Palhinhas, Pina, Pacheco, Figueiredo, Armindo e Idalecio.



a bicicleta
"FLECHA"

ganhou o Campeonato Regional do Sul (1946)

Obtendo as seguintes classificações:

100 Km.: 1.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 8.º, etc.

100 Km. c/ relógio: 1.º, 2.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 9.º, etc.

176 Km.: 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, etc.

**Vencedora do Campeonato Nacional
nos anos de 1942 a 1945**

"FLECHA" — A vencedora em 1945
da volta à Espanha, Catalunha e Galiza

A ILUMINANTE

(Stand "FLECHA")

Armazém de material eléctrico, tintas e bicicletas

LISBOA

**Avenida Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17
Telefones 4 6186, 4 6187, 5 1146**

PORTO

**Rua Passos Manuel, 209
Telefone 4 065**

Stadium O BENFICA!

N.º 177 ★ 24 DE ABRIL DE 1946 ★ PREÇO 2\$00

42 anos de serviço do desporto em Portugal



O Benfica! Toda a popularidade que um clube de desporto pode e deve ter com base nessa alegria que deve estar sempre presente no desporto. A alma do Benfica o prestígio do Benfica, o Benfica — o melhor do mundo! — eis os tantos adjectivos que acompanham a vida do prestigioso clube de desporto. O Benfica!, eis o popular clube, fadado e apreciado nos salões mais distintos, numa fuga de conversa que o protocolo exigiria, o Benfica!, cantado e glorificado pelo rapazio da Lisboa dos bairros populares, o Benfica!, flamula vigorosa, acompanhando uma vida, muitas vidas, que no desporto, no exercício físico, tem formado uma parcela admirável de gente forte e sã.

O desporto deve ser assim mesmo, misto de alegria, de actividade dinamica, hino de glória à força e à saúde. E quem não será do Benfica? Do seu prestígio, da sua glória, que todos nós, amantes do desporto, da vida ao ar livre, apreciamos envidiados por vermos milhares de pessoas entusiasmadas, estuantes de alegria, seguindo de perto a vida desportiva de um clube do desporto do nosso país?

Os 42 anos de vida que o Sport Lisboa e Benfica neste momento está comemorando tem à sua volta uma aureola de prestígio dignificante, valioso tributo à glória que o Portugal desportivo hoje disputa.

Estão inscritos nos pergaminhos deste popular clube de desporto os primeiros passos do desporto português. 1904!, o desportar do grande desporto — o futebol. O tempo em que os entusiastas iam de Lisboa a Carcavelos — a pé! — para irem jogar com os ingleses do Cabo Submarino. Lá foram os homens que fizeram o Benfica, balizas, botas e equipas às costas, sem pensarem num simples vintem de prémio. Era o desporto, era o tempo heróico do desporto em Portugal, foi o tempo da fundação do Benfica, deste clube com 42 anos de prestigiosa existência, muita glória no desporto e com perto de 20 mil sócios!

O sócio número 1 do Benfica...

Eis-nos com o sócio mais antigo do Benfica, o seu sócio número 1, um dos seus dedicados fundadores, o sr. António Santos Sobral. É dos primeiros tempos do futebol, naturalmente, animoso, entusiasta e praticante do Sport Benfica. Ele e José Carlos de Brito, António Faria Leal, Luis Joaquim Gato, António Costa Santos, Arnaldo Sobral e mais alguns que idealizaram a fusão com o Sport Lisboa, de que surgiu o Sport Lisboa e Benfica. Bons tempos em que se caminhava de Benfica para o terreno fronteiro ao colégio da Luz, com as balizas às costas, e aí se disputavam os renhidos desafios da época.

O sócio n.º 1 do Benfica considera-se, e com justa razão, o seu melhor amigo.
— Envaldece-me o grande prestígio e a grande popularidade do meu unico clube, declara-nos. Idealizel-o assim, grande baluarte do desporto, nesse tempo, que só uma meia dúzia compreendiamos verdadeiramente o que de belo era isto do desporto.
— A que atribuir a popularidade do Benfica?
— O Benfica, desde a sua fundação, tem recebido no seu meio associativo toda a gente. Desde o mais humilde à mais categorizada individualidade. Dentro da nossa casa não há selecção de classes. Pertencem todos a uma grande familia.

FERNANDO SÁ
(Continua na pág. 15)

Reivido os 19 mil socios do cross Benfica, sendo a eles a grande popularidade e afeicão neste baluarte do desporto portuguez. no 42.º anniversario
Fernando Sá

Na qualidade de socio mais novo do Benfica, cumprimento e saudação a tua primeira marcha associativa e, ficos notos pelas merque dadas deste pseudo Club.
Bruno e Sá



Em cima, à esquerda, o sócio n.º 1 do Benfica; à direita, o n.º 19.493. A seguir, os atletas que entraram nos provas de atletismo e receberam premios, os jogadores do S. L. Olivais e da reserva do Benfica, os de basquete do clube e do Sporting e os praticantes de bilhar. Todos estes desportistas tomaram parte na primeira semana de festas do 42.º anniversario

Mantém-se o problema do "título"

Resultados normais. Vão tardando as surpresas...

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA



DISPUTOU-SE no passado Domingo a jornada com o número dezassete da Primeira Divisão do Campeonato Nacional.

Pela forma como os desafios estão a decorrer, vê-se bem que os jogadores já estão um pouco martirizados pela dureza do torneio e pela sua duração. O mapa dos resultados é o seguinte:

Belenenses .. 3	— Vitória (Set.) 2
Sporting 2	— Atlético 1
Olhanense .. 3	— Porto 1
Boavista 0	— Vitória (Guim) 1
Elvas 0	— Benfica 4

Alguns dos encontros foram disputados com a mais viva energia. Exceptuando o caso de Elvas, onde o Benfica venceu a sorrir, os resultados reflectem igualdade de futebol. Sómente a partida de Olhão teve duas bolas de desnível. Todos os outros — à tangente. Comentar-se-á esta igualdade, possivelmente, afirmando que poderia haver uma ou outra vitória mais expressiva. O argumento não colhe. É da lei do jogo.

A tabela da classificação geral não sofreu alterações profundas. Ficou tudo como dantes, averbando-se apenas a troca de lugares entre Elvas e Guimarães.

O interesse principal está na vida do Benfica e Belenenses, um atrás do outro com a diferença de um ponto. Poder-se-ia objectar que o Sporting ainda tem probabilidades. Mas para o seu triunfo seria necessário uma série intrincada de combinações e hipóteses. E apesar de se dizer que em futebol tudo poderá acontecer, não será ousado afirmar que o Sporting, a quatro pontos do primeiro, está, no entanto, muito afastado do título. Dos leões para baixo, incluindo o Olhanense, já nenhum concorrente tem probabilidades sérias.

Mas está para decidir o título. Disso não há dúvidas, e a incerteza dá a maior das competições portuguesas um sabor picante de sal e pimenta. Entretanto, Benfica e Belenenses seguem a sua vida, confiantes. Ganhando, com maiores ou menores dificuldades...

Os obstáculos estão à porta. O Benfica vai suportar o ímpeto sportinguista dentro de dias, e logo a seguir o Belenenses. Quer dizer, o problema está à beira de solução.

O caso dos últimos lugares parece esclarecido. A palavra de condenação já foi preferida em relação ao Oliveirense. O Boavista, em penúltimo, ainda poderá levar vantagem na discussão que vai passar-se. De resto, faltam ainda

algumas jornadas, e as surpresas surgem quando menos se espera.

Eis o resumo da tabela: Benfica 29 pontos (61-21 em bolas); Belenenses 28 (60-21); Sporting 25 (56-23); Olhanense 23 (55-25); Atlético 18 (27-42); Porto 16 (50-36); Vitória de Setúbal 14 (34-42); Elvas (33-58); Académica 11 (36-61); Boavista 8 (30-54); e Oliveirense 5 pontos (16-61 em bolas).

Uma das mais fáceis vitórias do Benfica!



Benfica passou em Elvas sem quaisquer dificuldades. Eis um desafio que fuge à lei das deslocações. Estas têm-se sempre por muito difíceis, mesmo que o valor dos grupos seja desnívelado. Cada um em sua casa vale o dobro, e o conceito tem a maior aplicação em futebol. Pois o Benfica venceu, a sorrir!

Soprava um vento forte. Mas os lisboetas adaptaram-se com facilidade às condições do jogo. Como? Segurando a bola e pondo-a no terreno. Em seguida,



Em luta animada com a defesa atlética

passando o esférico de unidade para unidade. Devemos dizer que nem sempre as passagens remataram. Mas isso não interessa. Foi visível o objectivo de ligação, de modo ao grupo funcionar como um todo, e não desligado.

Já da parte do Sport Lisboa e Elvas não se notou a mesma orientação. Todos os jogadores levantaram a bola, não conseguindo em consequência dominá-la. Desse modo, a tarefa defensiva dos lisboetas ficou muito facilitada. A marcação levou sempre vantagem sobre a desmarcação.

Espirito Santo é um homem que faz muita falta no Benfica. Dá-se por tal quando ele não joga. Mesmo assim, o team portou-se bem. Começou por tomar o pulso ao adversário para, no momento

oportuno, cair a fundo. Assim, os goals tardaram. Mas o primeiro que chegou trazia os outros agarrados: em sete minutos três bolas.

A segunda parte ofereceu muito menos interesse. isto é, não interessou nada. Tão monótona — que o fim da partida não mais se via... O Benfica jogou a passo, dobrando as triangulações e em execução vagarosa. O Elvas nunca atacou com perigo, e nem sequer defendeu com eficiência.

A organização elvensse deixa muito a desejar. Os defesas são, pelos vistos, de difícil adaptação ao plano geral. A linha média é a que melhor cumpre. Mas os interiores não fazem, então, a mais pávida ideia do que deve ser hoje a missão que lhes compete. É que, em todo o desafio, nunca se importaram com as insidências dos médios contrários. E não há quem resista a semelhante orientação.

Julgamos do nosso dever não esconder a opinião que nos deixaram os rapazes de Elvas. Têm de trabalhar muito e de se aplicarem com entusiasmo para corresponder às exigências dos seus apaniguados e do desporto local. De resto, acreditamos que sejam capazes de fazer muito melhor do que aquilo que fizeram. No Benfica destacaram-se Cerqueira, Francisco Ferreira e Arsénio.

Elvas: Semedo, Marcelino, Sanz, Alcobia, Rebelo, Fernandes, Morais, Massano, Patalino, Rana e Quim.

Benfica: Martins, Cerqueira, Artur Teixeira, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Mário Rui, Arsénio, Júlio, Joaquim Teixeira e Rogério.

Árbitro: Libertino Domingues, de Setúbal.

Analisando os encontros disputados em Lisboa, Porto e Olhão



Aos desafios estranhos, e pode meter-se nesta classificação aquele que se realizou no Estádio do Lumiar. O Atlético não merecia perder, e afinal veio a perder num repente, quase ao soar o último apito do árbitro, e quando os próprios sportinguistas já deploravam a sua desgraça. Faltavam sete minutos quando os leões construíram a sua vitória.

No entanto, o triunfo sportinguista deve-se em grande parte à magnífica acção do guarda-redes nacional, que, com atenção e

aquele golpe de vista que o distingue de todos os outros, parou alguns remates de força e direcção.

A melhor organização de jogo foi do Atlético, com uma defesa que dominou o desmantelado ataque do adversário e uma linha média francamente bem nos dois capítulos do futebol, ao ataque e à defesa.

A linha avançada do Atlético mostrou-se entusiástica e o seu jogo chegou para dominar em campo durante grande período do encontro. Um incidente final, agressão de António Marques a Manuel da Costa, agitou o ambiente. Veio ao de cima a paixão clubista.

Sporting: Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Veríssimo, Barbosa, Nogueira, Cruz, Pacheco



Correia, eis um guarda-redes oportuno!

Nobre, Sidónio, António Marques e Albano.

Atlético: Correia, Baptista, Castro, Rosário, José Lopes, Francisco Lopes, Manuel da Costa, Oscar, Gregório, Armando e Rogério Simões.

Árbitro: Domingos Godinho, de Lisboa.

O Belenenses venceu por 3-2, mas praticou futebol excelente. Da defesa ao ataque, o grupo revelou ligação e unidade. Todos os jogadores devidamente colocados, e dando seguimento ao jogo. Parece-nos que o facto se deve à magnífica contribuição dada pelos interiores belenenses, os quais sabem perfeitamente que a sua tarefa não comporta apenas a ideia ofensiva...

A linha avançada dos azuis conseguiu um trabalho notável no que respeita a conjugação de esforços, fazendo triangulações brilhantes. Essas infiltrações deram uma sensação de clareza e facilidade. Precisamente o que torna o association um jogo belo!

Mas os avançados não souberam rematar, e, deste modo, o seu esforço perdeu-se. A ligação é indispensável, no seu objectivo de criar as situações de goal. No campo vive-se para o goal exclusivamente.

Se os belenenses têm encontrado o caminho das redes não seria possível ao Vitória de Setúbal batalhar como o fez no fim da partida, ao sentir que ainda não estava perdido... Diga-se, no entanto, que os setubalenses se deram à luta com energia e entusiasmo — não quebrando nunca. Quando um grupo se comporta desta maneira — todos os resultados são possíveis.

Belenenses: Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Mário Coelho, Quaresma, Andrade, José Pedro e Rafael.

Vitória de Setúbal: Acácio, Montês, Soeiro, Pereira, Pina,

Figueiredo, Campos, Viegas, Rodrigues, Cardoso Pereira e Passos. **Árbitro:** Adriano Gonçalves, de Coimbra.

Os portugueses pareciam levar em mira, ao apresentarem-se em Olhão, a ideia de bom jogo e resultado. Começaram na verdade muito bem. A linha avançada, com o apoio dos médios, desenvolveu lances de pura técnica, conservando a bola rasa ao terreno. Embora os algarvios reagissem, o certo é que lhes foi imposta uma atitude de defesa.

Mas o panorama modificou-se à medida que o tempo avançava. O Porto, com uma bola de vantagem, viu-se na dura provação de consentir o empate. Mesmo assim, a parte final da primeira parte foi preenchida com ataques de ambos os lados.

Quando, aos dois minutos do segundo tempo, o excelente Salvador marcou mais uma bola abrindo com decisão as portas do triunfo, o Porto decaiu a olhos vistos. A equipa oscilou... E isto prova bem que os seus fundamentos não são sólidos, e que o grupo tem pontos fracos. Pelo menos, não se acha com a moral forte e própria

As tricromias da Stadium

Conforme dissemos, publicamos hoje a tricromia do «team» francês de futebol, e no próximo número a da Seleção portuguesa, magnífico trabalho a cores.

É necessário, para atendermos todos os pedidos, que os nossos Agentes nos mandem as suas requisições o mais breve possível, pelo menos até o próximo dia 27.

mar-se, desde já, que foi uma luta renhida e entusiástica. A base dessas qualidades, e um pouco longe de boa tática.

O Vitória de Guimarães conseguiu um tento logo de início, e veio-lhe imediatamente ao pensamento a ideia de o defender com unhas e dentes. Assim fez, de resto. Com êxito. No fundo, o que importa. Portanto, os rapazes de Guimarães concentraram-se com



Uma defesa, estilo Azevedo, a um remate de Simões

de quem é capaz de ganhar um desafio — mesmo contra a adversidade.

Sentindo-se seguro, o Olhanense começou a funcionar sem aritos, seguindo a bola de homem para homem com geometria. Os algarvios abrandaram ao sentir o adversário subjugado. Este dava-se, realmente, a tarefa de defesa. E como sucede em geral nestas circunstâncias, não tinha tempo para pensar no ataque.

Olhanense: Abraão, Rodrigues, Nunes, João dos Santos, Grazina, Loulé, Joaquim Paulo, João da Palma, Cabrita, Salvador e Moreira.

Porto: Barrigana, Alfredo, Camilo, Anjos, Romão, Nana, Zeca, Araújo, Correia Dias, Freitas e Joaquim.

Árbitro: Abel Ferreira, de Lisboa.

Acerea da partida Boavista-Vitória de Guimarães, poderá afir-

resolução na defesa, fazendo uma ou outra descida.

Toda a primeira parte se passou como afirmamos, na defesa de um goal — o suficiente para vencer. Mas o ataque boavista desenvolveu-se, regra geral, atabalhoadamente. Desta forma — não surgiu a oportunidade de morte. Sempre remates em desequilíbrio ou perdas de tempo no momento de mandar a bola para a baliza.

Na segunda parte, e talvez convencidos de que era difícil não ceder o passo, limitados à defesa, os de Guimarães abriram mais o jogo e fizeram também incursões. No entanto, o sector defensivo do Vitória de Guimarães foi o que se comportou de melhor maneira. Contra ele esbarraram todos os esforços dos portugueses. Tenha-se ainda em conta que o Vitória se apresentou desfalcado. Esta derrota coloca o Boavista em má posição.

Boavista: Mota, Vinagre, Silva, Chaves, Serafim, Ramos, Zeca, Armando, Biri, Caiado e Ramos. **Vitória de Guimarães:** Machado, Curado, João, Luciano, Garcia, Dias, Zeferino, Miguel, Alexandre, Alcino e Arlindo.

Árbitro: Vale Ramos, de Aveiro.

ANDEBOL

A necessidade de dar maior realce a acontecimentos de maior vulto não permitiu à «Stadium» albergar na semana passada os comentários desta secção.

São, portanto, duas as jornadas que temos para apreciar, a primeira com o jogo Sporting-Belenenses, que era de grande importância, a segunda com o encontro decisivo Benfica-Os Treze e a partida Marvilense-Cuf, que o último precisava de ganhar para ser campeão.

Saindo do terreno com o resultado favorável de 3-0, o Desportivo da «Cuf» conquistou pela segunda vez o campeonato de Lisboa e mereceu o título pela regularidade mantida durante a difícil prova. Afigura-se-nos, porém, que o grupo já esteve em melhor forma do que ao presente, suplantado agora pelo Sporting, que melhorou consideravelmente com o regresso de Tomás de Macedo.

Estes dois clubes estão apurados já para o campeonato nacional, mas restam dúvidas quanto ao ocupante do terceiro posto; «Os Treze», a quem falta apenas derrotar o Marvilense, somará, se ganhar, 42 pontos; o Belenenses, vencendo o Almada, fica com 40 pontos e vai depois bater-se com o Benfica para a almejada classificação; finalmente, o Benfica conta 36 pontos e tem três jogos na frente, contra o Sporting, o Belenenses e o Marvilense, este se a sua reclamação for atendida.

Este problema do campeonato nacional pode ainda ser embaraçoso para a representação lisboeta; informam-nos de que os jogadores Marreiros e Miranda foram excluídos da selecção regional porque declararam não poderem ausentar-se por falta de dispensa no seu trabalho profissional, sendo ainda duvidosa a deslocação dos restantes elementos do «Cuf», pelo mesmo motivo. Como não se pode aceitar a ideia de que estes jogadores neguem por qualquer outra razão o seu concurso à Associação Regional e à representação desportiva a que pertencem, teremos de considerar que venha a ser impossível ao Desportivo «Cuf» tomar parte no campeonato nacional, que inclui três deslocações ao Porto.

O torneio da 2.ª categoria foi ganho pelo Sporting, cujo grupo ganhou todos os encontros, faltando apenas derrotar o B-nfica.

O Desportivo «Cuf» foi até certa altura o mais perigoso adversário, mas a equipa foi punida com a perda de pontos num jogo por haver alinhado um homem irregularmente inscrito e não teve força moral para se manter na competição.

Finalmente, vai a meio o campeonato de juniores, este ano mais renhido do que nunca; o Benfica ocupa neste momento o primeiro posto com 13 pontos, mas Sporting e Belenenses seguem-no a 1 ponto apenas e o Marvilense a 2 pontos.

Qualquer das quatro equipas pode vir a ser a vencedora.

Melhor classe de jogo e melhor noção desportiva da arte de jogar do que a maioria dos camaradas crescidos.

José de Eça

HOQUEI EM PATINS

O TORNEIO DAS NAÇÕES EM MONTREUX

O torneio das nações, em hoquei em patins, disputado em Montreux por iniciativa da Federação helvética de modalidade, concorreram sete equipas — quatro das quais representando dois países: França (A e B), Itália (A e B), Bélgica, Portugal e Suíça.

Os portugueses, recebidos festivamente em Genebra, tiveram depois recepção muito cordial na pequena e linda cidade de Montreux.

Conforme se previa, só a Inglaterra não tomou parte no torneio de Montreux, que assim perdeu um pouco do seu natural interesse — mas a ausência dos britânicos, por outro lado, permitiu tornar as provas mais equilibradas, dando até à equipa de Portugal o ensejo de mostrar-se em lida a sua punção, consoante se infere dos resultados técnicos obtidos. Apenas a Itália-B denotou superioridade, em relação às outras equipas, mas não tão grande que não permitisse, embora ganhando, uns expressivos 2-3 de Portugal.

1.º dia — Bélgica-Suíça, 3-2; França-Itália, 3-3; Itália (B)-Bélgica, 3-2; Suíça-Itália (A), 4-1; Portugal-França (B), 11-1.

2.º dia — França (A)-França (B), 3-1; Itália (B)-Itália (A), 2-1; França (B)-Bélgica, 1-0; Suíça-França (A), 3-3; Itália (B)-Portugal, 3-2.

3.º dia — Portugal-Itália (A), 5-1; Suíça-França (B), 3-2; Itália (B)-França (A), 3-1; Itália (A)-França (A), 8-2; Portugal-Bélgica, 12-2; Itália (B)-Suíça, 4-3.

Quando da sua apresentação — e já nos treinos, no «Stadium Sports», com assistência de outros concorrentes, a turma lusitana havia denotado classe, e os portugueses mereceram da imprensa os melhores elogios.

Portugal ganhou por 11-1, sendo os tentos marcados por Olivério (7), Sidónio (2) e Correia (2).

Veio no dia imediato uma jornada má — em que tudo se dá às avessas aos nossos hoquistas! Nem pareciam os mesmos, dizia-se, porque a infelicidade os acompanhava.

Em sumo: um jogo que não correu de feição... e em que se perdeu por 2-3, tendo, ainda, a fatalidade de não se aproveitarem duas grandes penalidades, que Correia dos Santos desperdiçou na melhor altura.

Os pontos foram marcados por Correia dos Santos e Jesus Correia.

Domingo foi, contudo, de evidência de classe — ou de confirmação de possibilidades: os portugueses encheram-se de brio e bateram a Itália (A) por 5-1 e a Bélgica por 12-2.

Foi, a bem dizer, uma jornada de completa recuperação. Mas era já tarde para pensar no triunfo... Porque a Itália (B) arquivou duas novas vitórias — e, com elas, todas as suas probabilidades de ganhar o torneio.

Nesses encontros — que ficam como «factos inolvidáveis» para a história do hoquei português no campo internacional — marcaram os tentos: contra Itália (A) — Olivério (3) e Sidónio (2); contra a Bélgica — Olivério (5), Sidónio (2), Jesus Correia (3) e Correia dos Santos (2).

Ano IV — II Série — N.º 177

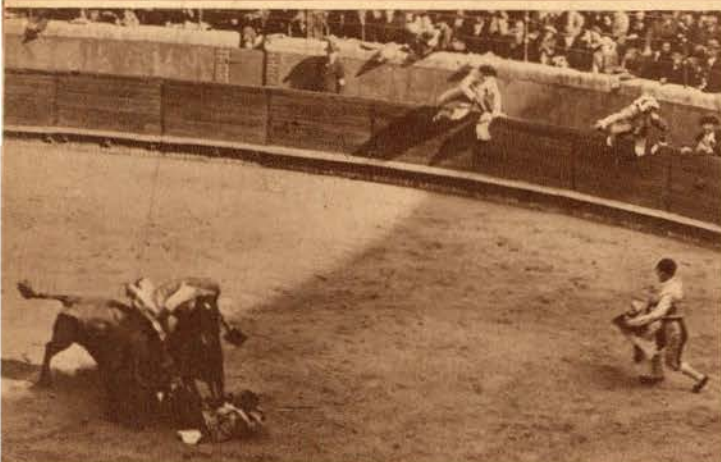
Lisboa, 24 de Abril de 1946

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: JAVARES DA SILVA
Presidente da Sociedade de Revistas Esportivas, Lda.
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Alameda da Universidade, 10, 2.º — Telef. 5948 — LISBOA.
Fornecimento gráfico de ABBADURA, LIMITADA — LISBOA.

Stadium

assinem a STADIUM

Corridas de Touras A 1.^a da ÉPOCA no Campo Pequeno Crónica de El Terrible Perez



Na 1.^a da época, no Campo Pequeno, o cavaleiro Fernando Salgueiro, porque se meteu no terreno do touro ou porque este cortou o do cavalo, chapou-se assim, aparatosamente, como um fotógrafo oportuno conseguiu registar. Todos saltaram à arena, até o cavaleiro José Casimiro, como se vê na fotografia. Levantou-se o cavaleiro e, agarrado o cavalo que corria cegamente pela Praça, tentou voltar a montá-lo; mas, o cavalo sangrava dum a artéria e, recebido o primeiro curativo, teve de ser assim levado para o Instituto de Medicina Veterinária em perigo, porque na Praça do Campo Pequeno, a primeira da terra dos cavaleiros, não há um posto veterinário para socorros de urgência. Que sirva a lição.

Resumo da corrida

ENTRADA regular, menos do que costuma acontecer em domingo de Páscoa e na inauguração do Campo Pequeno.

1.^o — Salgado, bragado, gordo e bonito. Dá duas voltas com o cavaleiro. Plá fixa-o e José Casimiro sac de cara e, atirando-se um pouco fora, crava a 1.^a farpa. Palmas. Nova perseguição, e outra farpa aplaudida. Outra, na querença, com ligeiro toque. O touro continua perseguindo e cortando terreno, e Procópio intervem com acerto. Casimiro crava outra farpa, sem o outro meter a cabeça. Um curto aplaudido e, após vários intentos, outro, que cae porque o touro não faz pelo cavaleiro, ainda que não saia do meio da arena. António Gonçalves manda pegar e Edmundo cita de cara e aguenta-se bem nos derrotes. Muitas palmas que se repetem, mas o cavaleiro recusa-se a acompanhar o forçado na volta à arena, talvez porque em sua consciência entenda não merecer aplausos.

2.^o — Salgueiro, de casaca azul e calção branco, como Casimiro, entende-se com outro touro salgado, e também com carnes e tipo. Após vário capotear, crava uma farpa no meio da arena e outra nos mesmos terrenos. Duas passagens e outra farpa, com ligeiro toque. Outra passagem e, ganhando a cara e voltando-se, um curto aplaudido. Mais um curto, descaído, mas também aplaudido. Ao tentar outro, o touro mete-se, e o cavalo resvala e cae com o cavaleiro, sobre o qual passa atropeladamente. Emoção no público e nos profissionais, saltando todos em socorro do cavaleiro, até o seu colega, mas parecendo-nos,

porém, que foi Rodrigues quem levou o touro. Ovação. O cavaleiro ainda volta a montar mas acaba por ir por outro cavalo enquanto o anterior é levado para dentro a sangrar. Salgueiro recebido com palmas, crava mais um curto, aplaudido.

3.^o — Da mesma pelagem, e demasiadamente gordo para o que é costume nos desembolados. Pontela nos capotes, indeciso. Balderas tenta a verónica e «Armillita II», valente e desejo de palmas, é colhido ao lançar de frente por detrás. Nos braços dos assistentes é levado para a enfermaria enquanto o touro é bandarilhado com precauções. Balderas começa por ajudados, por alto e por baixo, lutando com algumas dificuldades que o touro oferece, pelo que é mandado recolher.

4.^o — Da enfermaria dizem que «Armillita II» sofreu fractura duma perna, pelo que Balderas tem de se haver com outro salgado, de igual tipo e carnes. Verónicas delgentes que o touro desdenha. Dificilmente bandarilhado, passa a mãos de Balderas que o encontra com poder e na defensiva. Ao 2.^o passe é colhido, lançado a grande altura e recolhido nas hastes, felizmente com pontas cortadas, pelo que tudo se reduz a fortes contusões. O mexicano recolhe à enfermaria e o valente «Ale» agarra na «muleta» e dá vários passes temerários, terminando com dois sentado no estribo e entre entusiásticos aplausos. E o antigo matador de touros que o Campo Pequeno aplaudiu como tal, dá a volta à arena, devolvendo chapéus, sorridente como nos seus bons tempos.

Intervalo. Comentários e ajuntamento à porta da enfermaria.

5.^o — Ainda da mesma pelagem, e gordura. José Casimiro crava a 1.^a farpa e, muito aplaudido, a 2.^a e 3.^a, no meio da arena e indo bem à cara do touro que é bravo. Mais palmas. Aponta bem e crava outra. Mais palmas. Um curto, esperando bem e cravando com aplausos. Preparando bem, em «galleos» curtos, outro, aplaudidíssimo.

«Ale», desejo de mais palmas, dá vários passes valentes, dos tais dos seus tempos. Para-se, erguido, em vários passes por alto, e intercala um «molinetes». Parece ter voltado alguns anos atrás. Ovação que o valente bilbaino saboreia em grata evocação. Uma pega valenta põe termo ao melhor touro da tarde. Não há 5.^o mau!

José Casimiro, que dá a volta com «Ale» e o forçado, convida o filho do «ganadero» a acompanhá-los, e dos aplausos partilha então o bom «aficionado» que é o sr. José da Camara Pedroso.

«Ale» volta a ouvir palmas ao oferecer a farpa a Fernando Salgueiro que espera o 6.^o, negro, que toma bem a capa de Procópio, deixando-o este no meio da arena, aonde Salgueiro vai por ele para cravar a 1.^a farpa. Recorta bem para a 2.^a. Palmas. Repete o geito, mas crava comprometido. Tenta um curto, e pede para mudar de cavalo. Com outro satisfaz o seu desejo, e ouve mais palmas.

Procópio esboça alguns lances com a capa, e a lide termina com uma dupla pega, isto é com dois forçados na cabeça, o 2.^o fixando o primeiro.

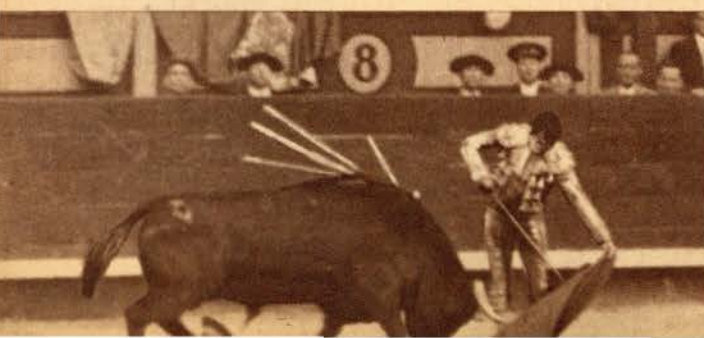
7.^o — Salgado, e também demasiadamente gordo para sair desembolado. O antigo matador «Madrilenito», que substitui agora os dois novilheiros inutilizados, dá algumas verónicas e um farol. Coimbra e Maia bandarilham como podem. Assistimos então a outra ressurreição em Domingo de Páscoa.

Depois de «Ale» é «Madrilenito» o ressuscitado, estatuário em vários passes por alto e intercalando também seu «molinetes». Por baixo, prepara o touro para simular a morte. Ouve palmas.

O 8.^o é negro, bragado, e «Madrilenito» volta a lançar, mas o touro não lhe permite luzimento, nem aos bandarilheiros, pelo que o antigo matador alinha, após alguns passes, a simula a morte.

(Continua na pág. 15)

As duas fotografias que publicamos são elucidativas acerca do que devem ser os dois passes clássicos, o natural e o de peito, este, sucedendo àquele e dados em dois tempos no mesmo sector, o 8, pelo toureiro que no México fez a melhor campanha, em conjunto Pepin Martín Vazquez que, com Pepe Luis Vazquez, constitui a base da próxima Feira de Sevilha. Tem cada um dos dois toureiros sevillhanos tres corridas no cartaz sevillhanos e, duas, «Armillita», Juanito Belmonte e «Andaluz», assim distribuídas: dia 27 de Abril, touros de Carlos Nuñez para Alvaro Domeca, Juanito Belmonte, Pepe Luis e Pepin; 28, de Francisco Chica, para «Armillita», «Andaluz e Pepin»; 29, Miras, para Juanito Belmonte, Pepe Luis e Pepin; 30, de Guadalest, para «Armillita», Pepe Luis, «Andaluz» e outro que bem pode ser «Gallito». No dia 1 de Maio, novilhos, para Conchita Cintron, Ricardo Balderas, Joselito Montero e o português Diamantino Viseu



FERNANDO MOREIRA

é campeão nacional de fundo



João Rebelo conduz o pelotão. Em 3.º e 4.º lugares, Fernando Moreira, campeão nacional de fundo e velocidade, e Eduardo Lopes



Outro aspecto da corrida. Os portuenses Moreira e Onofre vão na cauda, a conversar...



O pelotão, pouco tempo depois da partida



No regresso ao Porto...



Uma fase da prova de amadores seniores



João Joaquim Nunes, do G. D. da Iluminante, campeão de Lisboa

O Campeonato Nacional de Fundo, disputado no domingo nas estradas acidentadas das províncias de Além-Douro que, já por ser prova em que é adjudicado um título e ainda por servir de último ensaio para a selecção dos corredores que hão-de ir à Volta a Espanha, devia ser competição organizada com cuidados especiais e decorrer sem irregularidades, constituía, afinal, digamo-lo desassombadamente, uma corrida que jamais poderá repetir-se para prestígio de todos quantos andam ligados às coisas do ciclismo.

Nessa malfadada prova tudo quanto estava ligado à organização foi posto de pé atabalhoadamente. Percurso que possuía um troço dos mais perigosos que há em estradas portuguesas, a colocar em perigo a integridade física dos estradistas. Horas de partida que antecipladamente deixavam prever que a chegada se faria de noite, em absoluta contradição com o que está regulamentado. Organização técnica cheia de deficiências que permitiram uma série inconcebível de irregularidades, desde o apoio constante por toda a qualidade de veículos até a cedência de material feito por estafetas-ciclistas. Por fim falta de policiamento no local da chegada, pessimamente sinalizado e muito mal situado, factos que tiveram farta influência no desfecho da competição.

Já não estamos numa época que permita tratar das coisas de ciclismo em jeito de improvisado. A velocipédia, pelo que vale no âmbito dos desportos nacionais, não pode estar à mercê de organizações com faltas de tanta monta como as verificadas no domingo.

Não é assim que se prestigia uma modalidade, nem é também agindo num ambiente em que as irregularidades são constantes que os próprios atletas se prestigiam.

Mas se este campeonato no capítulo organização foi das piores corridas a que temos assistido, no que diz respeito a prova atlética ele atingiu um nível que facilmente pode ser superado. F' a Eduardo Lopes, a Fernando Moreira e a João Rebelo — As tres figuras que mais se destacaram durante toda a competição — que se deve o mérito desportivo do campeonato de 1946.

Foi de facto transcendente o porte desses tres corredores, cada um da sua maneira, a procurar impor-se segundo as suas melhores armas de ataque, mas todos com um brio digno dos maiores elogios.

A corrida tinha sido preparada para Fernando Moreira. O percurso escolhido com seus 20 quilómetros de descidas perigosas que se sucedem a rampa que liga a Régua ao Reboredo, em pleno Marão — fora cuidadosamente reconhecido pelo portuense. Por isso atacou com uma decisão que causava arrepios, nesse troço de estrada, criando vários embaraços aos adversários, que caminhavam às «apalpadelas».

Nessa endiabrada corrida a caminho de Amarante só Eduardo Lopes conseguiu acompanhar Moreira, mas à custa dum esforço e duma constante «tensão de nervos» que «arrazaria» quem quer que fosse. E' que enquanto Fernando Moreira subia onde devia afrouxar ou forçar a marcha, Lopes numa estrada que desconhecia cheia de precipícios e de fundos sulcos, era compelido a travar com frequência para se não despenhar.

Tudo cedera nessa vestiginosa abalada do alto do Marão até ao val do Tamega, e na subida para o miradouro da Lixa Fernando Moreira, já livre da companhia de Lopes — a ressentir-se do esforço feito nas «repêlidas» até aí, apresentou-se como vencedor.

Rebello e José Martins empreenderam então uma perseguição valiosa, passam por Lopes, a tentar reagir, e chegam até à roda de Moreira. Pareceu então que a sorte mudara de campo pois Martins era homem para lutar com o sportingulista e o portuense.

(Continua na pág. 15)

CONTA-GOTAS

Os comentários à volta do Portugal-França são da melhor palinódia que nestes últimos tempos se tem produzido entre nós.

A mistura com razões, verdadeiras e falsas, quase que se chega a deplorar (Quase? Deplora-se mesmo...) que a selecção portuguesa tenha ganho. Exageros!

Quem ler as críticas com atenção verifica que há concordância no que diz respeito ao trabalho dos jogadores em muito poucos pontos. Os desacordos são muito maiores do que os acordos.

Uns bramam que é preciso acabar com a pele de determinado jogador. Outros exclamam que é tempo de certo elemento arrumar as botas. Outros ainda atam vários jogadores, e deitam-nos ao mesmo tempo pela janela fora.

Quase que iríamos jurar que, se o cargo de seleccionador estivesse entregue a qualquer destes destemidos críticos, nenhum deles pensaria da maneira que pensa. Quanto mais executar o pensamento!

Todos são concordes em uma coisa:

Ter-nos visitado uma grande equipa de futebol, constituída por excelentes jogadores e formando um bloco.

Ousamos afirmar que o reconhecimento máximo do valor do team francês parece valorizar um pouco o trabalho da selecção portuguesa. Um pouco...

Entre as verdades que se podem dizer sobre o grande encontro, a primeira vitória obtida no Estádio Nacional, figura a seguinte:

O grupo de Portugal, a ganhar por 1-0, teve de suportar, a meio da segunda parte, o empate, e ainda dispôs de forças para vencer. Contrariando o que é de uso passar-se em semelhantes situações. Não terá isto algum mérito?

Algumas vezes têm os adeptos da bola atirado ao futebol a pedra da vitória moral.

Quando perdemos, e a crítica alega razões justificativas da derrota, todos sorriem...

Alguma vez a vitória moral havia de ser atribuída ao nosso adversário!

Exageros espanhóis

CADA um tem a sua opinião. Mas há opiniões, e opiniões. No Mundo Deportivo, de Barcelona, topamos por acaso com um artigo invulgarmente curioso a respeito do Portugal-França, porque o articulista aproveita-se do assunto para tecer o maior dos elogios ao futebol espanhol e para emitir as mais estranhas opiniões e conceitos.

Começando por afirmar que o futebol francês é lento, cai logo na categoria fraca do jogo português. Sobre a França, afirma que não melhorou nada nestes últimos dez anos.

Não contente com isso, explode impante de satisfação:

«O Atletico de Bilbao, com as suas linhas completas, poderia ter batido esta tarde, sem maior

esforço, qualquer das duas equipas que se defrontaram no Estádio Nacional (o jornalista esqueceu-se facilmente do que sucedeu ao Real de Madrid e ao A. Aviação!).

Depois de várias apreciações, o jornalista insiste na mesma ideia. Pelos vistos, ideia fixa.

«Uma equipa nacional espanhola, preparada, com um rendimento de conjunto, e sem baixas sensíveis como as actuais de Zorra e de Herreria, poderia conseguir uma bonita vitória no Estádio Nacional».

Vamos lá com Deus! Sempre são precisos os fenómenos para nós bater! Uma pergunta só: — Porque não vem o team espanhol dar um passeio a Portugal?

QUANDO?

Em princípio, afirmava-se, o Portugal-Espanha está marcado para o mês de Maio. Já se sabe, porém, que o maior dos encontros não se realizará nesse mês em vista da impossibilidade dos espanhóis se deslocarem.

Também sabemos que esteve em Lisboa, na semana finda, o sr. Alberto Martin Hernandez, vulto grande da Delegação Nacional dos Desportos, que tratou do assunto com os nossos dirigentes. Dessas conversas nasceu a possibilidade do match vir a realizar-se em fins de Junho ou começo de Julho. De positivo — nada. Para quando?

Anedota

Alguém perguntou ao juiz de campo inglês que dirigiu o Portugal-França qual a razão por que ele sorria a todo o momento para os jogadores.

— Simples, declarou ele, eu fui, durante muitos anos, jogador profissional da bola, e quando encontrava um árbitro risonho e bem disposto até jogava melhor... Prático, agora, como árbitro, o que aprendi com jogador!

Corre que...

A actual Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Futebol está reduzida a dois membros, os srs. drs. Faeco Viana e Mário de Oliveira.

♦♦ O presidente da Federação Portuguesa de Futebol, após a realização do Portugal-França, apresentou o seu pedido de demissão.

♦♦ Vai ser nomeada uma nova Comissão Administrativa para a Federação de Futebol, e diz-se ainda que dela farão parte os srs. engenheiro André Navarro, como presidente, dr. António José de Melo, dr. Octávio de Brito, Joaquim Paiva e Silva, Alberto Brito, dr. Faeco Viana e dr. Mário de Oliveira.

♦♦ Devem vir ainda esta época a Portugal clubes importantes do estrangeiro, e que as respectivas negociações estão a ser conduzidas com toda a prudência.

♦♦ O Belenenses, em virtude da atitude assumida, não teve qualquer lugar na direcção da A. F. L.

♦♦ Voltará ao cargo de secretário geral da Federação Espanhola de Futebol o sr. Ricardo Cabot, a quem se deve a organização do futebol da vizinha nação.

♦♦ O árbitro inglês Georges Reader ficou com desejos de tornar a vir a Lisboa.

P. 350 — Fiz uma aposta com um amigo a respeito de saber qual era a melhor linha avançada portuguesa: — Eu digo que é a do Olhanense e ele afirma que é a do Benfica. Queira dizer-me quando alinhá Gaspar Pinto. A primeira pergunta é de um Azul da Murtosa e a segunda é de um Benfiquista de Paredelhas (De José Rodrigues de Macedo).

R. 350 — A linha avançada Algarvia já esteve em melhor forma que a benfiquense, mas neste momento o ataque do Benfica é melhor que o do Olhanense.

Gaspar Pinto deve tardar a aparecer. E' mais uma questão de ordem interna do que um problema técnico. Estimaremos que os dois murtosenses se reconciliem, para o que aconselhamos um passeio à Torreira num dia de sol. Não conhecemos nada que faça melhor!

P. 351 — Sempre se efectua o Portugal-Espanha na presente época?

P. 352 — Ha mais algum encontro internacional? (Um que gosta que Portugal vença!)

R. 351 — Encontra a resposta nesta mesma página. Talvez sim... Talvez não...

R. 352 — A 16 de Junho próximo disputa-se o Portugal-Irlanda, no Estádio Nacional.

P. 353 — Fernando Peyroteo marcou o goal da nossa vitória com o pé direito ou com o pé esquerdo?

P. 354 — Araújo marcou o goal com o pé esquerdo?

P. 355 — Qual foi, em sua opinião, o melhor remate de todo o encontro Portugal-França? (Um leão do Porto).

R. 353 — Nós ficámos tão contentes que nem vimos bem... Mas deve ter sido com o pé direito, pela direcção que a bola tomou.

R. 354 — Com o pé esquerdo, como que em cumprimento de uma promessa feita.

R. 355 — Um remate do Araújo, com o pé direito, ao ângulo alto do canto direito das balizas de Da Rui. Um remate estupendo, e uma defesa magistral.

P. 356 — Não acha que houve uma bola que esteve dentro das balizas francesas e que não foi validada? (Um aficionado que gosta de ver claro).

R. 356 — Dizem-nos isso. Há muitas opiniões desse lado. Pela nossa parte, não temos a certeza. Talvez que o filme do jogo revele alguma coisa de curioso sobre o assunto.

P. 357 — Houve alguma questão entre os jogadores, uns com os outros?

P. 358 — E entre os jogadores e o seleccionador nacional? (Uma pessoa atenta aos boatos).

R. 357 — Os jogadores deram-se uns com os outros como Deus com os anjos. A melhor camaradagem. O boato provém, por certo, de boas almas...

R. 358 — Também a melhor camaradagem e simpatia. Ponha essas ideias de parte. Pode ficar doente...

Um problema para resolver

O capitão Celestino Marques Pereira reuniu, num volume agora publicado e a que deu o sugestivo título «Por Bem», algumas palestras, artigos e relatórios que visam diversos aspectos da educação nacional.

Na introdução do seu novo livro, o autor refere-se nos seguintes termos à situação oficialmente criada aos professores de educação física: — «já existe, no presente, uma escola de professores civis: o Instituto Nacional de Educação Física. Falta, porém, organizar, em termos sérios, os quadros de professores de educação física do ensino oficial. É necessário preenchê-los de acordo com o número de alunos, e é necessário pagar ao professor decentemente. Ninguém fez fortuna pelo magistério, mas ofereceu-se a um professor de educação física um lugar de contratado, com mensalidade de 300\$00 a 900\$00, é desprestigiante para o próprio ensino».

A singeleza destas palavras foca um dos mais importantes, se não o mais importante, dos problemas a resolver para o conveniente e suficiente ensino da ginástica nos estabelecimentos escolares oficiais de todo o País.

A situação do professor de educação física colocado num liceu ou numa escola oficial de cidade da província depende quase em exclusivo dos vencimentos que auferir pelas suas funções de servidor do Estado. Oferecer-lhe umas escassas centenas de escudos equivale a tornar-lhe inaceitável a incumbência, porque, por maiores que sejam a devoção e o entusiasmo profissional, é indispensável primeiro de tudo poder viver, e viver em condições que satisfaçam ao prestígio e autoridade do professorado.

Os alunos diplomados pelo I. N. E. F. expuseram o seu caso ao sr. Ministro da Educação Nacional, que tem o assunto em estudo e por certo lhe irá dar a solução mais em harmonia com os interesses do Estado e da justiça. Mas o professor Marques Pereira, focando o problema com a autoridade dos seus conhecimentos práticos, traz um tributo valioso ao fundamento das reclamações apresentadas.

Sem professores não há ginástica, mas não pode haver professores onde não lhes assegurem proventos bastantes para satisfazer às exigências da vida. Manter assim o problema é criar um dilema insolúvel.

A fundação do Instituto Nacional de Educação Física, aplaudida como medida de enorme alcance para assegurar a possibilidade do ensino de ginástica em Portugal, trouxe também consigo determinadas responsabilidades, que se não podem esquecer, sob risco de ver falhada a obra tão inteligentemente delineada.

A crise dirigente do futebol espanhol

NOTICIARAM os jornais da semana passada que a direcção completa da Federação Espanhola de Futebol apresentara ao organismo superior do desporto a sua demissão colectiva; em consequência, como pelo sistema orgânico no país vizinho as federações regionais têm os seus dirigentes nomeados pela Nacional, demitiram-se também já, até à data, as direcções federais do Centro, do Sul e da Catalunha.

Assim, causas aparentemente pequenas provocam enormes e graves efeitos.

O incidente originário de toda esta tempestade foi a decisão da Delegação Nacional dos Desportos que deu provimento ao recurso do Betis sobre a transferência para o Sevilha do seu jogador Antunez, a qual fora reconhecida válida pela Federação Espanhola. A decisão superior era acompanhada no comunicado público oficial de uma chamada à ordem à Federação, à qual se significava a necessidade de observar para o futuro com o máximo rigor as suas próprias disposições regulamentares e de dar mais rápido despacho aos pleitos que lhe sejam presentes.

Eis, em resumo, o fundo da questão: o Betis, em crise financeira, resolveu trespassar ao Sevilha o seu médio centro Antunez; como o assunto era urgente, resolveu-se por conversações directas, e o documento relativo foi assinado pelo vice-presidente e pelo lesoireiro, que eram ao que parece os dirigentes mais empenhados na actividade do clube.

O negócio, entre clubes da mesma cidade, levantou celexma e levou o presidente do Betis — que não quisera anteriormente adiantar mais dinheiro — a impugnar a validade do trespass, porque a letra regulamentar federativa impõe que tais negociações sejam tratadas por correspondência entre as colectividades interessadas, o que não sucedeu, e o contrato final assinado pelo presidente e pelo secretário, o que também se não verificou.

O Sevilha, que queria utilizar no domingo seguinte o seu novo jogador, consultou a Federação, que o autorizou e procedeu depois a inquérito, cuja decisão só foi conhecida dois meses mais tarde, quando o campeonato acabara e o Sevilha era campeão: sancionava o trespass.

A Delegação Nacional resolveu agora em contrário e Antunez volta para o Betis: mas, no rigor da lei, o Sevilha devia perder os pontos dos sete jogos em que alinhou com o jogador. Tal sanção linha como consequência directa a descida automática do Sevilha para a segunda divisão: de campeão passava a penúltimo!

Em face de situação de tamanha gravidade, a severidade directiva considerou e resolveu manter os resultados obtidos pelos sevilhanos.

A visita do Belenenses a Barcelona

e a valorização da modalidade

O basquetebol entra definitivamente no seu período de maior prosperidade. A prova máxima da modalidade, a que estão ligados clubes de Lisboa, Porto e Coimbra, tem proporcionado aos amadores alguns jogos de boa categoria, e a luta entre os primeiros, Belenenses e Vasco da Gama, denancia-nos claramente a sua possível chegada ao título que am deles ostenta.

De um modo geral, os clubes de Lisboa têm mantido certa superioridade. Isto em conjunto, evidentemente.

O F. C. do Porto, segundo do Porto, não teve a sorte por si, principalmente contra o Benfica, no primeiro encontro da segunda volta e, verdade, verdade, não merece lá muito o lugar na fila dos últimos.

Já o Vasco da Gama, com boa equipa e boa felicidade, tem podido impor-se. A sua última vitória contra o Belenenses, no campo do Lisgás, pode ser decisiva para a conquista do título que já lhe pertenceu quando o sistema de campeonato era outro.

Que o Belenenses, apenas derrotado pelos campeões nacionais, possua valor suficiente para não se deixar bater, mesmo fora de casa. Ninguém poderá dizer, no entanto, até que ponto pode tornar-se embaraçosa a acção dos grupos de segundo plano.

O Belenenses, convidado a exhibir-se em Barcelona, por certo graças ao belo esforço de Acácio Rosa e ao prestígio que possui além fronteiras, sofrerá o «assalto» de boas equipas. Mas ao Vasco da Gama acontecerá precisamente o mesmo. O próprio grupo da sua terra, F. C. do Porto, nunca perde a ocasião...

No sector benfiquista, ainda as esperanças não estão abaladas e há razão para isso. O grupo tem bons avançados. E embora a defesa não pareça capaz, não é menos certo que alguns dos seus resultados na prova puderam ser obtidos sem ter de «bater-se» no bloco da retaguarda.

Faltam referências ao Conimbricense e Atlético, ambos com provas de aplicação no torneio. Os rapazes de Coimbra ganha-

ram no seu terreno ao F. C. do Porto, e devem «agarrar-se» na capital do Norte ao melhor resultado, na esperança de fugir ao último posto. Quer isto dizer que os últimos são capazes de valorizar convenientemente o campeonato.

O Atlético está longe de posuir a equipa que em tempos fez valer os direitos do extinto União Lisboa. Claro que não pode negar-se-lhe a possibilidade de saber, demais que pode muito bem lutar de igual para igual com o F. C. do Porto e o Sport coimbrão. Dizer-se que tem mérito para se desfazer dos companheiros da cauda, não constitui exagero.

Seja como for, esquecendo mesmo a visita do Belenenses a Barcelona, deve considerar-se o basquete com força para manter o nosso país em bom plano técnico. A Federação tem contribuído dedicadamente para isso; e os clubes, à custa de esforços dedicadíssimos, também procuram dar-lhe o prestígio necessário.

O Belenenses perdeu o primeiro jogo em Barcelona

Em Barcelona jogou-se sobre madeira. Em Portugal, os recintos são absolutamente diferentes, e, sem pretender desculpá-lo, o Belenenses, que perdeu por 40-32, na frente do Layetano, muito deve ter inflado na marcha do jogo esta deficiência nas instalações.

Os lisitanos viram-se em sérias dificuldades para se adaptar, podendo mesmo dizer-se que não o conseguiram durante toda a partida. Todavia, o seu esquema de jogo impressionou agradavelmente. Se lhe desfinassem, em Barcelona, um verdadeiro campo de basquete, poderiam os espanhóis fazer melhor ideia das possibilidades dos campeões de Portugal e de Lisboa.

Não há motivo, por isso, para julgar mal da nossa representação. O basquete português possui categoria e não se recusa nunca a demonstrá-la, perdendo ou ganhando.

Segunda Divisão

EM sistema de «poule», com o Estoril Praia, Portimonense, União de Coimbra e Famalicão por concorrentes, — entrou-se na fase final do campeonato nacional da segunda divisão.

Assim, o Estoril deslocou-se para Famalicão, onde obteve o excelente resultado de 1-1, contra o grupo de terra, dos mais categorizados de Divisão, a julgar pelos resultados conseguidos na zona norte. O União de Coimbra ganhou no seu campo por 3-2 ao Portimonense, lá do Algarve, equipa que promete surpreender, mas deve afirmar-se desde já o valor dos resultados fora de casa: — empate em Fama-

licão e derrota pela tangente na cidade do Mondego.

Pelos números deste primeiro jornada de «poule», verifica-se sem esforço que o campeonato de 1945/46 pode marcar a importância da prova. Os 4 grupos concorrentes são de facto capazes de valorizar a prova.

Os estorilenses, possivelmente mais senhores de boa categoria, podem candidatar-se com mais pontos a seu favor, mas não estão ainda eliminadas as possibilidades dos restantes concorrentes, mesmo contando com o empate do Famalicão e a derrota pouco expressiva dos portimonenses.

Uma boa intervenção de Cardoso, apertado por Simões, vendo-se Gregório «marcado» por Marques



Éis a jogada que permitiu a Gregório a obtenção do único «goals» do Atlético.
A bola vai direita à rede

SPORTING venceu o Atlético nos últimos 7 minutos..

Éis Azevedo I Gregório está completamente bloqueado



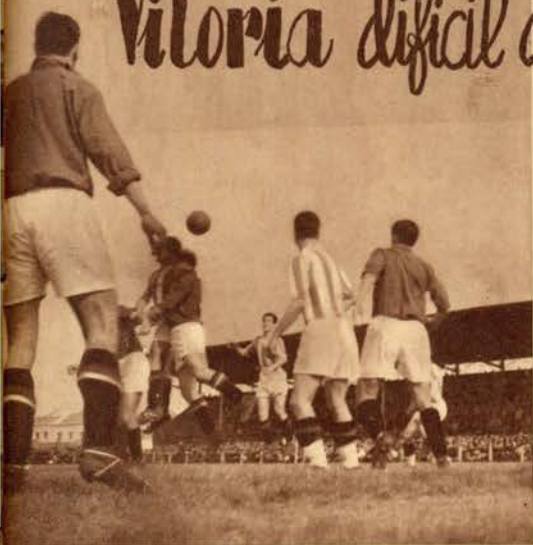
Correta defende arrojadamente, apertado por Sidónio



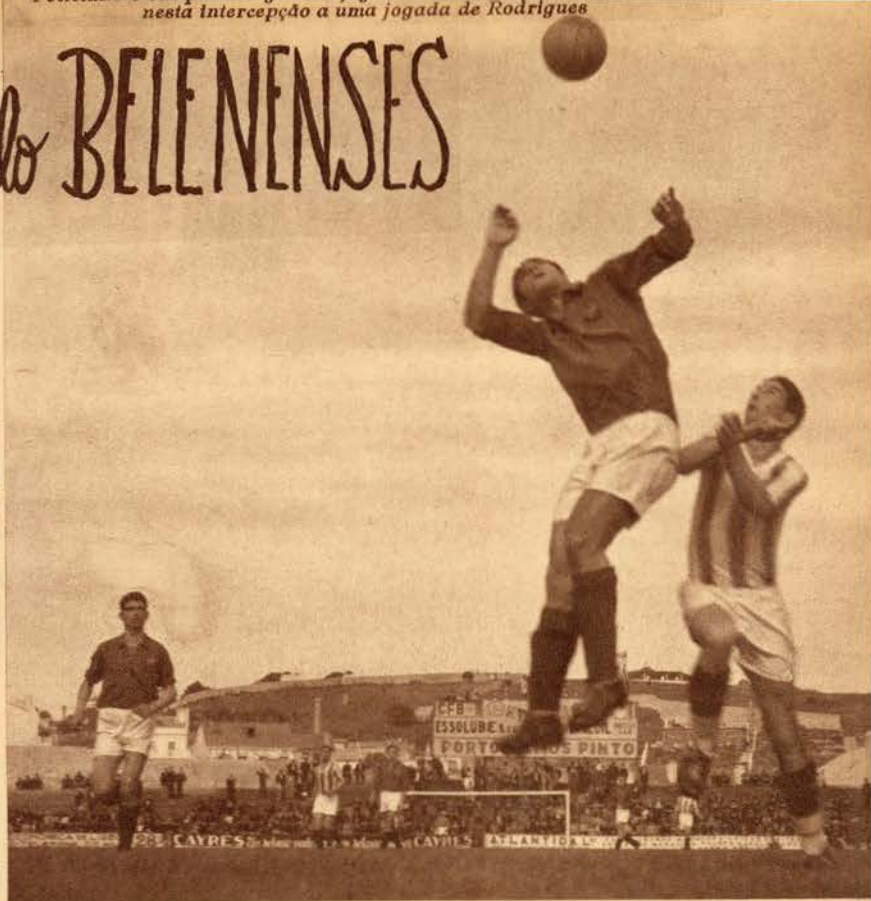
Uma boa attitude de Armino Azevedo, nas redes, está atento I

nesta Intercepção a uma jogada de Rodrigues

Vitória difícil do BELENENSES



Luta-se a meio do campo, ante os olhares da defesa belenense



Uma intervenção de Gomes



Uma intervenção de Acácio, feita com segurança



Uma boa defesa de Acácio, impedida



Uma boa defesa de Acácio

Aguardando o Derby de Epsom

ENQUANTO o tempo decorre e se aproxima a data do famoso Derby inglês (6 de Junho), vão-se realizando várias provas de relativa importância. Assim, o cavalo *Gulf Stream*, pertença de Lord Derby e um dos favoritos da corrida que leva seu nome, ganhou há dias, em Newmarket, o Craven Stakes, dominando brilhantemente o lote.

Outro cavalo que se apresenta em condições de conquistar as duas mil libras do Derby, chama-se *Khaled*. Ganhou na véspera o Column Produce Stakes, também em Newmarket, de modo impressionante.

A coudelaria real não apresenta nenhum cavalo, desta vez. Em compensação, espera-se que Mr. Marcel Boussac concorra à prova enviando *Nirgal*, ótimo puro sangue do criador francês, e bem assim o Marajá de Baroda, com *Soyaji Rao*, que lhe custou a «bagatela» de vinte e nove mil e quatrocentas libras!

Até agora, foram aceites para o Derby 75 inscrições.

FUTEBOL

O Campeonato das Ligas Inglesas

A vitória do Charlton sobre o West Bromwich Albion, por 5-2, colocou novamente o finalista da Taça à frente da classificação do campeonato da Liga Sul. Apenas o separa do segundo, o Birmingham City, escassa diferença na quantidade de «bolas» sofridas e aplicadas.

O Charlton apresentou no terreno um grupo diferente do habitual, constituído por jogadores jovens, que se comportaram com brio e virtuosismo.

Depois dos jogos de sábado (13), a classificação dos clubes ficou a seguinte: Birmingham (53), Aston Villa (52); Charlton (51); W. Bromwich (49) e Derby County (49).

Nos jogos de 2.ª feira, porém, o Birmingham perdeu ante o Fulham por 3-2, descendo na classificação, que presentemente é a seguinte: Charlton (53); Birmingham (53); Aston Villa (52); etc.

Na Liga Norte o Stoke City ganhou ao Grimsby Town por 4-2. A posição dos clubes mantém-se como anteriormente: Sheffield United (55); Everton (53); Chesterfield (52). O empate, a um tento, destes dois últimos clubes, prejudicou as aspirações do Everton em benefício do Sheffield, vencedor por 2-0, na mesma jornada, do Perston North End.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Custo por número . . .	2\$00
3 meses, Esc.	26\$00
6 » »	52\$00
12 » »	104\$00



TÊNIS

O campeonato distrital do Surrey

O primeiro torneio de ténis efectuado em Inglaterra depois da guerra foi ganho brilhantemente pelo jogador Jack Harper, classificado em oitava posição na lista oficial dos tenistas daquele território da Comunidade Britânica.

Concorreram, além dos mais prometedores jovens, como Derek Barton e Roland Carter, alguns veteranos: C. M. Jones e o chinês Kho Sin Kie, campeão do vasto império oriental.

Jones foi batido, na meia-final, por 1/6, 1/6, às mãos de Harper, e Barton perdeu com Sin Kie em dois sets: 6/3, 7/5. Barton revelou-se, entretanto, como o melhor tenista inglês da actualidade.

O desafio final concluiu-se a favor do australiano por 4/6, 6/2, 6/2. A eficácia da sua estratégia dominou os primeiros técnicos de execução do seu ágil antagonista.

Mrs. Hilton (Betty Clements) dominou o lote das senhoras ganhando a Miss Molly Lincoln por 8/6, 7/5.

A importância do torneio, apesar do seu título regional lhe conferir pouca envergadura, avalia-se pelo concurso em massa dos melhores tenistas britânicos.

A Austrália classifica os seus jogadores

A Associação de Ténis Australiana apresentou agora a classificação oficial dos seus associados. À cabeça do rol figura John Bromwich (campeão), seguido por Dinny Pails, Adriano Quist e Geoff Brown.

Jack Harper está em oitavo lugar na lista publicada.

NOTA DA SEMANA

A vitória do onze de futebol escocês sobre o grupo representativo da Inglaterra, no Hampden Park de Glasgow, pode classificar-se como o acontecimento internacional de maior vulto da semana finda.

Excepcionamos, propositalmente, o desafio realizado no Estádio Nacional, cujo desenvolvimento e brilhantismo ultrapassam os propósitos desta nota.

Durante 89 minutos a equipa inglesa defendeu-se com o máximo denodo, anulando todas as tentativas dos endiabrados escoceses. Um público numeroso de 138.000 pessoas, entusiasmadas ao rubro, rugia de impaciência ajudando os seus representantes.

Faltava, apenas, um escasso minuto para o final da partida. As esperanças dos ingleses no empate pareciam confirmar-se e com elas a garantia do Campeonato das Ilhas Britânicas.

Nisto, o interior-esquerdo do onze da Escócia, Hamilton, apossou-se da bola e correu direito às balizas. Carregado irregularmente, o árbitro concedeu um «pontapé-livre», que o médio Husband marcou de modo primoroso. O avançado-centro, Delaney, introduziu-a dentro das redes num esforço coroado de êxito, quando havia somente 22 segundos de jogo a realizar, rematando em recarga.

O feito leve a repercussão da bomba atômica. Como nas touradas, voaram pelo ar bonés, chapéus de coco, etc., num entusiasmo descomunal.

O mais inolvidável momento para os jogadores ingleses vencidos foi assistirem à alegria dos polícias que continham a multidão. Entusiasmados, distribuíam apertos de mão sucessivos com o respeitável público, perdendo por completo a gravidade e a compostura, saltando e gesticulando como dementes!

Pelo ineditismo da cena, se tomarmos em linha de conta que a corporação dos policemen escoceses tem fama de imperturbável, podemos avaliar a justificada admiração dos circunstantes.

Rafael Barradas

BOXE

Primo Carnera reaparece

PRIMO CARNERA, o gigantesco nativo de Friuli que chegou a campeão mundial de todas as categorias, voltou a combater. Oposto ao seu compatriota Musina, foi derrotado por pontos, fazendo uma exibição inferior.

Na mesma reunião, o titular

italiano dos pesos médios, Palmerini, conservou o campeonato.

Romero ganha a Paoletti

LUÍS Romero, campeão de Espanha dos meio-leves, ganhou por pontos ao campeão italiano da categoria anterior, após difícil combate travado em Barcelona.

Paoletti, assim se denomina o pugilista vencido, mostrou méritos suficientes para ganhar num encontro mais extenso que os oito assaltos previstos.

ATLETISMO

O «match» Paris-Cambridge

O encontro de atletismo efectuado em Paris, entre a Universidade da capital francesa e a Universidade de Cambridge, terminou com a vitória dos primeiros por 79 pontos a 49.

Cambridge salientou-se nas provas de corridas. J. Havard ganhou os 100 e 200 metros em 11,2 e 23,3 segundos; J. Mark fez o mesmo nos 400 e 800 metros, vencendo em 49,9 e 1 minuto 57,6 s.

Os franceses brilharam nos saltos, lançamentos e na prova de estafetas.

RUGBY

Expressiva vitória da Escócia sobre a Inglaterra

A equipa de rugby da Inglaterra foi atrozmente esmagada pelo «quinze» da Escócia, no desafio internacional realizado durante a semana finda.

Os vencedores, sabendo que a «defesa» do grupo adversário não podia criar-lhes rija oposição, desprezaram os mais elementares cuidados, executando audaciosos e persistentes ataques. O único back que ripostou de modo conveniente foi Heaton, mas careceu de velocidade bastante para se aproveitar das aberturas logradas.

Depois dos primeiros vinte minutos, a Inglaterra jogou apenas com 14 homens, por se ter lesionado no joelho o defensor Uren.

Walt abriu o marcador executando um ensaio. Seguiu-se um tento de penalidade a cargo de Geddes e, antes do meio-tempo, Bruce aumentou a vantagem dos escoceses para 9-0.

Na segunda parte marcaram-se quatro ensaios — transformados apenas três — elevando-se o resultado da partida para 27-0.

O fracasso da linha de três-quartos inglesa explica tão considerável derrota, que contrariou os prognósticos, pois no jogo da primeira volta o quinze dos ingleses venceu por 12 pontos a 8.

O Concurso Ibérico de Soluções

PUBLICAMOS hoje os dois últimos problemas do nosso I Concurso de Soluções, que desde Outubro está sendo disputado entre os nossos leitores, contando ainda com a inclusão duma forte equipa espanhola.

O veredicto será publicado num dos primeiros numeros do próximo mês de Junho.

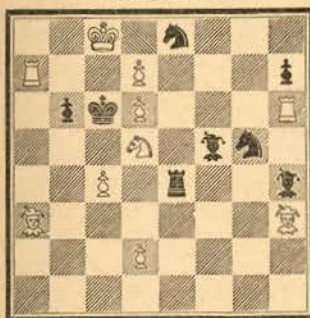
A resolução de terminarmos já esta prova foi tomada de acordo com determinadas conveniências da orientação técnica desta secção, no propósito de a fazer progredir continuamente, dotando-a do maior interesse. A partir do próximo número recommencaremos a publicação dos problemas do nosso concurso de composição, diligenciando aclarar a saída dos numerosos originais que temos a publicar, pelo que recorreremos a medidas especiais, nesse sentido.

Com estes problemas promoveremos o II Concurso de Soluções, subordinado ao novo regulamento, tendente a facilitar a participação dos nossos leitores menos experimentados, aos quais reservaremos a prova.

(Continua)

PROBLEMA XXXVII

«Ling-Fú»

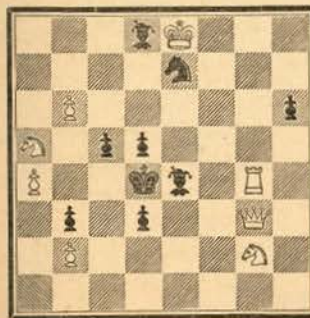


2 X

PROBLEMA XXXVIII

T. e J. Warton

1.º Prémio — B. C. F. — 1945



3 X



RENATO COSTA

O Académico B. Clube de Braga não é um núcleo desportivo de proporções gigantescas, financeiramente, porém, tem, na sua pobreza e no tão reduzido tempo da sua existência, já as honras de uma obra realizada, que foi e vem sendo cimentada à custa de muitos sacrifícios, conseqüências, insónias e... sabe-se lá o que mais...

Sempre, até hoje, os seus atletas venceram briosamente a sua personalidade em quaisquer competições que hajam disputado. Os triunfos obtidos ao lado de indiscutíveis valores nacionais e as «marcas» estabelecidas ou ultrapassadas, assim como a pronta presença dos atletas acadêmicos em torneios oficiais ou particulares, são segura garantia do que vale o mais modelar praticante dos «desportos pobres» em Braga.

Conhecendo a obra do clube e sabendo-a tão grandiosa como palpitante, não retivemos por mais tempo a nossa curiosidade, procurando o meio de conhecê-la em pormenor, visto tratar-se de uma colectividade que tem hoje uma posição definida. Sabe de onde vem e onde pode chegar!

Entrevistar am dos «marechais» do Académico foi a ideia e... não pensamos duas vezes, tanto mais que não nos pareceu difícil pôr em execução o plano. Falar a um dirigente acadêmico é falar a um amigo, um camarada ou até uma pessoa intimamente familiar. Foi pensando assim que procurámos o secretário geral do A. B. C., um novo cheio de vontade, que quer muito ao seu clube. Renato Costa é um dos mais ardorosos obreiros do Académico, sendo, portanto, um dos elementos indicados para nos responder. Surpreendeu-o a nossa intenção e a sua modestia, inicialmente, disse-lhe que não tinha valor para fazer publicamente afirmações respeitantes ao seu clube. Mas não foi preciso insistir muito para convencer o brioso dirigente a dar-nos atenção.

Sentados, pois, nas cadeiras de um café na velha Arcade, sempre notável pela sua beleza, tendo, como tendo, ao longe, as montanhas do Bom Jesus e Samedeiro, começou a entrevista:

— Como nasceu o A. B. C.?

— Positivamente, confesso que não sei explicar-lhe. No entanto, se bem me recordo, foram meia dúzia de estudantes de então, hoje pessoas da máxima respei-

COMO NASCEU UM GRANDE CLUBE EM BRAGA

A Província também se interessa por outras modalidades, que não o futebol

tabilidade no meio bracarense, que se uniram com um fim quase exclusivo: a prática do basquete. Daí advém o nome do clube: Académico Basquete Clube. Todavia, o Académico de hoje foi «praticamente» fundado há seis anos por João Jorge Nunes, que, fazendo do impossível realidade, conseguia o que hoje se vê. E, para todo o acadêmico bracarense, falando-se de João Jorge Nunes é absolutamente desnecessário acrescentar mais qualquer adjectivo.

— Têm muitos adeptos, não é assim?

— Com orgulho o posso informar. Em todos os pontos do país.

Ainda há bem pouco tempo se deram factos que podem provar esta minha afirmação. Relatá-los, seria obrigado a ir muito longe...

— Que desportos pratica, presentemente, o A. B. C.?

— De um modo geral, todos os desportos pobres. O basquete, o volei, o atletismo, o ténis, o ténis de mesa, o andebol, e pensamos filiar-nos, ainda este ano, na Associação de Remo do Porto, com pretensões, posso dizer-lhe sem optimismo, a sermos campeões numa das categorias.

— Dispõem de muitos atletas?

— Dezenas e dezenas. Repare nas secções que atrás nomeei... e verifique, tanto mais que temos duas e três equipas em cada modalidade.

— E profissionalismo?...

— Nem falar nisso. Amadorismo do mais puro. Pois se são os próprios atletas que pagam todas as suas despesas!...

— Quantos títulos (nacionais ou regionais) constituem o «palmarés» do A. B. C.?

— São tantos! Repare que não é sem vaidade que digo isto. Mas poderei citar-lhe alguns: atletismo—1941—juniores e principiantes; 1942—principiantes. Recordes e campeonatos individuais, será preferível não falar nisso, porque teria, felizmente para nós, de encher uma página inteira da sua tão simpática revista desportiva. Basquete, volei e ténis de mesa, fomos campeões de Braga no tempo da Confederação de Desportos, e como desde aí se não realizaram mais campeonatos, julgo que ainda nos podemos orgulhar de detentores do título.

— Tem a vossa obra sido compreendida pelas autoridades de Braga?

— Gostaria de não tocar no assunto. Todavia, digo-lhe que, desportivamente, todas as nossas pretensões têm sido atendidas o mais gentilmente possível. Financeiramente, só a Câmara nos presta um subsídio anual de 500\$00. Como deve compreender,

este subsídio, para um clube com as proporções do Académico, é uma «gota de água no oceano». Confiámos, no entanto, em que, após a apresentação, no fim deste ano, do nosso palmarés à Câmara Municipal, o subsídio será modificado. Tenho, mesmo, absoluta certeza do que acabo de dizer...

— Têm alguma simpatia especial por algum clube?

— Todos os clubes do País são simpatizados. De todos, até hoje, temos recebido gentilezas. No entanto, temos uma simpatia particular por todos os clubes que praticam o desporto pelo desporto.

— Há algum facto na história do A. B. C. de que tenha gratas recordações?

— Tantos... Estamos habituados a vencer. E, para nós, todas as vitórias são motivo de boas recordações.

— E o inverso?

— Sim, ama. No jogo final para o Campeonato do Porto de Basquetebol, 1.ª Divisão, em que perdemos com o Portuense do Desporto por 34-33, sendo o cesto da vitória do clube vencedor obtido já depois de terminado o tempo regulamentar. Foi esta derrota am dos factos principais da decadência do clube nas duas últimas épocas.

— Deseja dizer alguma coisa mais aos desportistas portugueses?

— Sim. Mormente aos desportistas bracarense. Verifiquei bem, desportistas, com pesar o digo, que toda a cidade, vila ou aldeia possui, com orgulho, o seu clube de basquete, volei, ténis de mesa, atletismo, etc., e Braga, não fora o Académico, estaria hoje em absoluta inactividade. Dentro em breve o nosso estádio será um facto. Quereis apresentar ao público equipas estranhas à nossa Província? Certamente que não. Para isso auxilium com carinho todas as realizações que os clubes dedicados aos desportos pobres levam a efeito. Só assim correspondereis ao seu esforço.

Assim falou Renato Costa. A sinceridade das suas afirmações desassombradas deixa, claramente, transparecer do que é capaz uma tenaz força de vontade inspirada num baírrimo puro e inultrapassável. Bem merece o A. B. C. a gratidão e admiração dos desportistas bracarense. Um futuro venturoso e próspero para os simpáticos rapazes acadêmicos é a nossa mais veemente ambição.

Benigno da Cruz

OLHANENSE, F.C. PORTO, 1



Jogo da Palma sobe para a bola, mas Barrigana evitará o remate



Carregado por Cabrita, Barrigana defende com segurança

Barrigana defendeu extraordinariamente bem, contra o Olhanense. Um dos seus mergulhos—para evitar um grande remate.



Romão e Anjos procuram interromper a marcha de Salvador



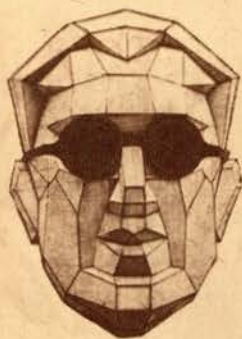
Em ELVAS, o BENFICA derrotou a sua filial



Em cima, à esquerda: Uma boa defesa de Semedo.

A seguir: A bola ronda as balizas ao S. L. Elvas.

Em baixo: Nova defesa aparatosa de Semedo.



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865
Deposítaria das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão
138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 2 2829 LISBOA

Boxe internacional Rubio não foi adversário para Larsen

CONTRASTANDO de modo singular com o espectáculo precedente no que respeita à sua regularidade, condições e êxito, realizou-se na noite de 18 do corrente, no Coliseu dos Recreios, uma sessão de boxe profissional presenciada por numerosa assistência.

Não pode dizer-se que o programa fosse notável, pelo conjunto de valores nacionais ou estrangeiros que o constituíam. Exceptuando, mesmo, o combate de fundo, os demais desafios careciam de novidade e expectativa, por se tratar de jogadores cansados de medir forças entre si, facto aliás inevitável num país em que a qualidade e a quantidade de boxadores rareia de modo flagrante.

Jacques Rubio, em vez do golpeador potente que anunciaram, manifestou-se apenas bom «encaixador». Jogando a distância foi quase ineficaz, atacando com singular desprezo pela sua segurança, o que lhe valeu ser repetidas vezes sacudido quando acometeu a descoberto.

E, em resumo, jogador de recursos modestos, jovem, resistente e corajoso que pratica o boxe a curta distância, de preferência. Larsen ganhou merecidamente o desafio. Bem preparado, pôs em prática a sua maneira pessoal de combater, um tudo nada pobre de recursos técnicos. Os dois primeiros assaltos da luta favoreceram Rubio, por escassa margem. No terceiro, foi colhido no nariz por um soco do punho direito e esteve em dificuldade. Até ao 5.º assalto a luta prosseguiu com vantagem para o campeão português, igualando o marroquino a pontuação no 6.º e 7.º «períodos». Depois, durante os três assaltos seguintes, o domínio de Larsen tornou-se mais claro e persistente, terminando o seu antagonista com bastante dificuldade de se manter de pé. A arbitragem foi pouco atenta, permitindo pequenas irregularidades no trabalho dos jogadores. À margem do regulamento.

O combate anterior, entre Guilherme Martins e António Mateus, acabou de modo muito suspeito. O primeiro assalto careceu de fulgor e entusiasmo, circunstância aceitável no introito de um *match*. No seguinte, houve alguns golpes trocados com força, sem que Mateus actuasse com a vivacidade e brio característicos de outros combates. Em dado momento foi levado até às cordas; furtando-se a uma investida, tocou baixo em Guilherme Martins e caiu desamparado no canto do ring numa atitude de desmaiado. A ausência de quaisquer manifestações dolorosas que acompanham de maneira inevitável os traumatismos produzidos no abdome superior (obrigando, as mais das vezes, o pugilista a curvar-se sobre si mesmo e a lutar contra o sofrimento...) e o modo como recuperou depois, convenceu-nos de que houve flagrante irregularidade naquele desfecho.

É curioso anotar aqui o facto do público ter recebido de modo benevolente o inesperado acontecimento e de o haver aceito sem protesto. As pessoas algo versadas no assunto sabem que na maioria dos *knock-outs* produzidos por socos na região do epigastro, o pugilista sofre sensações sucessivas. Primeiro uma dor violenta que muitas vezes irradia para além do ímpete. Depois, falta-lhe o ar por paralisação momentânea do mecanismo respiratório. Finalmente, sobrevém uma quebra no tónus muscular afligindo em primeira instância as pernas. Jamais se produziu desmaio inopinado mas pode considerar-se inevitável que a vítima se dobre sobre si mesmo. A postura repousada do vencido contrastou com o quadro exposto... Em suma não nos convençeu!

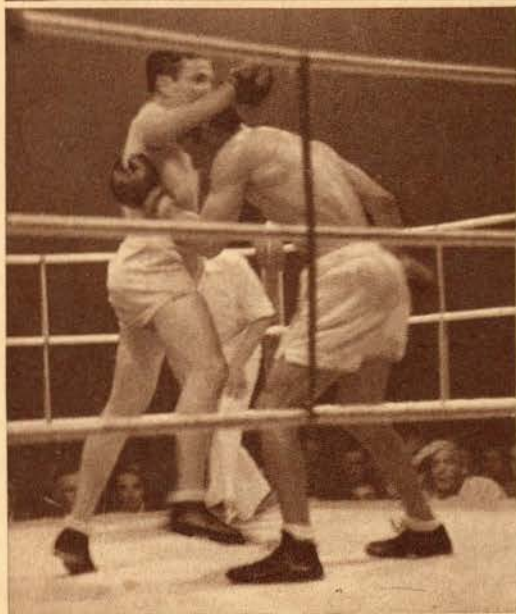
Dos dois combates iniciais, no primeiro travado entre Cruz Passos e

(Continua na página 15)

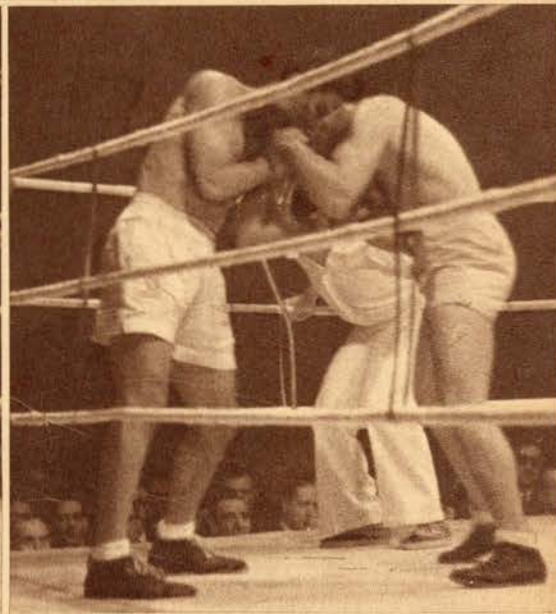
RAFAEL BARRADAS



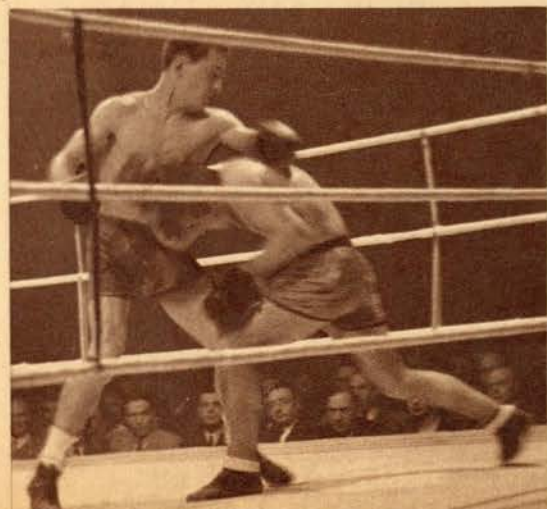
Larsen procura atingir Rubio — e consegue-o...



Larsen defende-se de uma investida de Rubio



Outro pormenor do jogo Larsen-Rubio



Guilherme Martins em acção



Valente Rocha ensata um directo à cara

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

ANICETO BRUNO abandonará o ciclismo de competição? É de lamentar que assim suceda, visto que Aniceto é ainda um praticante de valor, mas por certo nem o seu clube nem a velocipedia deixarão de contar com o seu valioso auxílio. Aniceto, se de facto deixar de correr, pode dirigir os seus pupilos. Está preparado para isso. Sabe — indiscutivelmente. E o F. C. do Porto, a que pertence, aproveitará com certeza as suas reais qualidades de orientador.

ABANDONARÁ Gomes da Costa, de vez, o futebol? Nem sabemos que dizer sobre o caso. Gomes da Costa poderia ter sido no futebol aquilo que lhe desse na real gana. Jogador para imitar Artur Sousa. Para ser... Artur Sousa puro. Se precisasse do bola, o que não se dá, o popular «Quices» do F. C. do Porto talvez não tivesse limitadores. Mas, jogando meia dúzia de vezes por ano, brincando aos treinos, certo nas festas de família, lá para a sua quinta do Norte, gozador indiscutível de todas as suas horas de férias — Gomes da Costa não poderá contribuir para o bom êxito do futebol.

Que belo jogador seria este rapaz!

ALBERTO BRITO, presidente da A. F. do Porto, está dado à Federação. Poderemos apreciar, em breves tempos, quanto vale como dirigente desportivo. Foi em boa hora indicado para a Associação pelo seu clube — o F. C. do Porto. Dar-lhe-emos sinceros parabéns. Alberto Brito tem mantido, com serena dignidade, o seu lugar, e não se duvida no Porto dos seus méritos e possibilidades.

TRES pugilistas portugueses obtiveram nítidas vitórias na última sessão do Coliseu: Guilherme Martins, Sousa 2.º e Valente Rocha. A capital do Norte produziu sempre bons praticantes. Desde Tavares Crespo, José Santa, Ferreira Júnior, Horácio Velho, Albano Campos — até Miguel França, Augusto Sousa, Licínio Passos e os rapazes que no momento se impõem, em luta com os mais categorizados.

FOI anulado o encontro de andebol Porto-Vigorosa. Os protestos apresentaram-se e resolveram-se com demasiada facilidade. É uma doença. E, por pouca sorte, costumam os técnicos da terra ver estas coisas com certa rapidez, criada nas discussões do café ou nas tertúlias onde o paixão domina o bom senso.

Caminha-se para a solução...

CASO resolvido? Pelo menos, devidamente considerado na última assembleia geral do F. C. do Porto, onde se apreciou o pedido de demissão da Comissão Pró-Campo, constituída pelos srs. Sebastião Ferreira Mendes, Carlos Lelo e Domingos Ferreira.

A importância do caso não nos permite abandoná-lo. Temo-nos balido interessadamente pela sua solução, e por isso nos parece oportuno voltar à carga, que é como quem diz: — fazer-lhe novas referências, para julgamento dos nossos leitores.

Dissemos em tempo que a Comissão Pró-Campo pedira a demissão do seu cargo. E lamentámos então que o fizesse por desinteligência com a gerência do F. C. P., disposta a instalar-se na Areosa, em terrenos indicados pela Câmara Municipal, quando se inclinaram pelos da Vilarinha, ao longo do Bessa.

Foi resolvido julgar o assunto em assembleia geral extraordinária. E os sócios do F. C. do Porto, bem esclarecidos, deram a sua opinião. Por maioria, aceitaram o pedido dos srs. Sebastião Ferreira Mendes, Domingos Ferreira e Carlos Lelo, e entregaram à direcção presidida pelo dr. Cesário Bonito o desenvolvimento de tão importante problema.

Tudo se fez, entretanto, com a melhor disciplina. Intervieram os srs. drs. Carlos Costa, Graça e Moura e Aureliano Braga, e os srs. Manuel Mesquita, Elói da Silva, Domingos Ferreira e Carlos Lelo. Embora a vontade dos sócios se haja manifestado expressivamente, porque deram franca adesão aos seus dirigentes, pode afirmar-se que a sua atitude não feriu. Vencidos e vencedores.

Está provado, e de maneira iniludível, que os adeptos do F. C. do Porto desejam ardentemente o seu campo de jogos. Sacrificar-se-ão por ele. E tanto os homens da extinta Comissão como os da sua gerência actual lhe são precisos para levar por diante tão bom empreendimento.

Assim, julgaram bem. Com rigorosa disciplina e subido amor à colectividade. Breve tomará a direcção, sobre os seus ombros, mais um pesado fardo. Por certo se verá à trabalho útil, e por certo se terá compreendido que só a vontade geral pode contribuir para o êxito da iniciativa.

E vamos a isso. Já não é sem tempo e já não é sem justiça que o F. C. P. resolve de vez assunto tão importante.

Monte Negro Azul

Mais um protesto...

HÁ mais um protesto no andebol português — e sabemos que o clube submetido ao rigor dos técnicos, o F. C. do Porto, fará chegar o caso à Federação respectiva.

O incidente adivinha-se. Entre o F. C. do Porto e o Vigorosa Sport é costume lutar-se com certa vivacidade, visto que ambos possuem equipas muito equilibradas e valorosas. O F. C. do Porto ganhou o encontro que contava para o campeonato regional, segundo alguns muito bem, mas como vai fazendo carreira a ideia de protestar por tudo e por nada... e estava na calha evitar a vitória dos velhos campeões nacionais — não se perdeu tempo!

Ora, se nos dão licença, julgamos doloroso o propósito de protestar sem mais nem para quê, só porque se perdeu, e também a colaboração que lhe começa a ser dada pelas pessoas encarregadas da sua resolução definitiva.

A seguir-se tão peregrino critério, poucos jogos poderão homologar-se. O árbitro tem sempre falhanços que espicaçam o espírito dos vencidos, e passare-

mos a brincar constantemente com estas coisas que devem ser sérias e invioláveis.

Foi vítima o F. C. do Porto, mas não nos repugna julgar que o poderá ser amanhã outro qualquer. Vai sendo tempo de dar às modalidades desportivas gerências que as não perturbem com resoluções impensadas. O esforço de vencidos ou vencedores não deve ser eliminado por uma solução de secretaria, e se vamos a habituar os atletas a corrida do protesto cá, protesto lá — tudo se perderá ingloriamente. Jogo perdido, jogo anulado...

Então, pode um grupo ganhar à sombra de todas as ilegalidades?

Não. Mas também não é esse o caso do F. C. do Porto-Vigorosa. Afigura-se que há demasiada paixão à roda do jogo entre os dois agrupamentos e mais nada. Analisando serenamente a matéria que deu motivo à anulação — o que se vê? Que há cérebros pouco reflectidos, de pouca serenidade em presença de «queixas» de vencidos.

E' assim, com certeza.

Um dirigente portuense



Fernando Prata de Lima, médico da Direcção Geral dos Desportos, no capital do Norte, amassou a sua categoria desportiva nas pistas de atletismo. No Estádio do Lime, principalmente.

O dr. Fernando Prata de Lima, que se revelou um belo praticante das corridas de velocidade, alinhou ao lado de homens que denunciaram inconformável categoria: — seu irmão José Prata de Lima, Mário Porto, Lima Marques, Mário Costa, António Sarsfield, Luís Retumba, Acácio Mesquita, António Júlio Dias, Adolfo Brito, Arnaldo Sousa, Alberto Ferreira, Hercúlo Mendes e Francisco Duarte.

Depois de se formar em medicina, tal como aconteceu aos srs. drs. Mesquita Guimarães e Tibério Antunes, elementos criados na boa escola do desporto, o primeiro no Académico portuense e o segundo na Associação Académica de Coimbra, — o dr. Fernando Prata seguiu cuidadosamente os casos que a desportistas poderiam interessar.

Especializou-se. Há poucos meses, e com extraordinária pericia, o dr. Fernando Prata operou os jogadores Manuel dos Anjos e Artur Sousa.

Sempre que lhe é possível, comparece nas manifestações desportivas. Nesta gravura que encima a página pode ser apreciado, entregando a Edgar Temegão, atleta do Porto actualmente a estudar em Lisboa, um valioso troféu, rodeado pelo excelente atleta Sampaio Peixoto e Teodomiro Argente, que preside ao andebol portuense.

O dr. Fernando Prata é um espírito educado e sábio. Não admira: — principiou... pelo princípio!

(Continuação da página 5)

Juízo crítico

(Continuação da página 4)

Elémere ilusão para os lisboetas, porque Martins desistiu pouco depois e criou de novo fortes possibilidades de triunfo ao jovem Moreira.

Edaardo Lopes, que não «desarmara», recompõe-se entretanto, faz uma corajosa e brilhante caça de 50 quilómetros e, quando Moreira e Rebelo trepam a serra de Valongo, está já nas suas rodas.

Previra-se então a vitória do «luminante» — sem dúvida o mais rápido de todos. A meta estava porém situada a 100 metros dum verdadeiro «cotovelo» sem sinalização e apenas com um estreito corredor por onde mal cabia um estradista.

A' luz dos faróis dos automóveis os três adversários principiaram a embalagem — Moreira à frente, Lopes na sua roda, seguido de Rebelo. O portuense ganhou a vantagem de um comprimento por ser o primeiro a atacar e quando Lopes se dispunha a largar o «sprint», surge uma moto que lhe barra o caminho. Estava escrito: — Fernando Moreira tinha de ganhar o campeonato de 1946, de maneira um pouco imprevisível, tal como sucedera em 1932 com Fernando da Silva, numa outra chegada à luz de archotes e num período em que todos os prognósticos iam para José Maria Nicolau.

E' todavia o atleta do F. C. do Porto estradista de classe suficiente para defender, até com brilho, o título agora conquistado. Prova-o a sua corrida de domingo — voluntariosa e inteligente a atacar nos momentos que lhe eram mais vantajosos — e durante a qual se igualou aos melhores.

Não saíram todavia diminuídos dessa luta memorável os dois estradistas de Lisboa — Edaardo Lopes e Rebelo.

O primeiro seria agora campeão se não houvesse a assinalar a irregularidade da chegada. Em forma das mais apuradas e possuidor dum brio que em certas épocas lhe andou arredo, o estradista da luminante fez tudo para vencer, e se não o conseguiu não foi por falta de recursos.

Quanto a Rebelo, que já no caminho de Amarante fora voluntarioso, teve, na sua perseguição, mercê da qual, em 25 quilómetros, anulou o atraso de 4 minutos, uma proeza de grande mérito. O corredor do Sporting, sabendo-se menos veloz que os adversários, bem tratou desembaraçar-se deles nas rampas de Baltar, já com o Porto à vista. Mas o desejo de vencer era forte no espirito de todos e ninguém cedeu.

Embora num plano secundário, e isto porque os três primeiros — Moura, Lopes e Rebelo — atingiram nível de grande valia, outros corredores houve que tiveram comportamento digno de referência. Estão neste caso o pequeno Rocha, para quem a descida até Amarante, dado o seu diminuto peso, constituia um «martírio», mas que mesmo

natural pode acontecer numa corrida de touros: que os touros colham os toureiros.

O que interessa especialmente em Portugal, na terra dos cavaleiros, é montar nas praças um posto de socorros veterinários para os cavalos, para que não aconteça, como domingo, ter de ser levado para fora um cavalo que devia receber no local o urgente socorro.

Que os toureiros podem ser colhidos, isso é sabido, a não ser que algumas almas bondosas o ignorem, ou finjam ignorar.

Que, em boa verdade, alguns parecem ignorar os perigos contingentes da profissão. Se até houve um profissional que repelia, profético, o conselho de que era preciso tomar precauções porque — dizia convencido — qualquer dia vamos ter para aí um desgosto!...

El Terrible Perez

Touros em Espanha

Domingo de Páscoa deviam-se ter realizado corridas de touros em quase todas as Praças de Espanha, mas em muitas foram suspensas pela chuva. Em Sevilha, com touros de Juan Belmonte, foi dada alternativa a «Jonis», por Rafael Ortega «Gallito», que teve detalhes de toureiro artista, à maneira de seu tio e homónimo. Em San Sebastian obteve grande êxito com novillos de Pepe Escobar o nosso conhecido «Vitor», grande bandarilheiro e «puntero» da novilheria. Em Cádiz foi suspensa por chuva a novilhada em que tomava parte o nosso compatriota Diamantino Viseu, que em Sevilha veremos no dia 1 de Maio.

EL T. P.

BOX INTERNACIONAL

(Continuação da página 13)

Sousa Il não houve quaisquer assomos de esgrima de punhos.

Cruz Passos havia combatido no dia 9 do corrente e sofreu dura punição. Achamos que o intervalo mínimo de dez dias entre os combates sucessivos devia ser respeitado, para benefício do jogador, como há bem pouco tempo ainda se praticava.

Sousa Il venceu por pontos e mereceu o resultado. Cruz Passos esteve longe de mostrar a acometividade e o poder habituais. Porquê? Talvez ressentido do combate antecedente...

O segundo combate da noite, entre Valente Rocha e Domingos de Figueiredo, terminou com a vitória de Rocha, por pontos. Foi, para nós, a mais equilibrada contenda, embora a menos excitante.

Rocha mostrou-se prejudicado com a larga ausência da actividade pugilística, errando na apreciação dos distâncias. Figueiredo, sem rasgos de audácia nem melhoria de técnica, replicou com brio e tomou ascendente para o final. Decisão justa.

Rafael Barradas

42 anos ao serviço do desporto

(Continuação da página 1)

— Que espera ainda do seu Benfica?

— Que há-de prosseguir na trianfial carreira desportiva que iniciou há 42 anos.

... e o sócio número 19:349

Quem hoje quiser entrar para sócio do Sport Lisboa e Benfica tem de mover grandes empenhos, ligar-se a grandes influências e mesmo assim não é natural que consigam ver o seu nome inscrito nas fichas de sócios do Benfica.

Quem é o sócio mais moderno do Benfica?

O último, irrevogavelmente o último é n.º 19:349. Não pode ser mais.

Trata-se do sr. dr. Bernardo Costa Gomes. Procurámo-lo. É uma figura amável e simpática, nada deixando transparecer o Juiz de Direito de Mértola.

Despida a toga austera e justiciera, postos de lado os grossos volumes dos processos, o sr. dr. Bernardo Costa aparece-nos benfiquista cem por cento, desde os bancos da escola, mesmo quando estudou em Coimbra e era da Académica.

— Gosta do Benfica?

— Gosto do meu primeiro clube, da sua alma, do seu ambiente entusiástico, da sua história no desporto.

— Que espera dele?

— Como todos os anos, que vença, que triufe, que continue a glorificar o desporto e a missão que há 42 anos vem cumprindo.

O sr. dr. Bernardo Costa, que foi agora eleito presidente do Conselho Jurisdicional da Associação de Futebol de Lisboa, dá-nos a sua opinião quanto à popularidade do Benfica.

— Essa popularidade reflecte-se especialmente no ambiente que sempre tem rodeado o Benfica, uma ligação soberana de entusiasmo, dedicação, e o povo, com a sua boa alegria, reconhecendo no Benfica o seu clube.

— Como sócio do Benfica, o que desejaria fazer?

— Conseguir a aproximação amiga, leal e desportivamente sincera do Benfica com a Academia de Coimbra. Apagar de vez essa quebra de relações que, estou certo nenhuma das partes deseja que perdure. Agora que ao fim de tantos anos de ser do Benfica, vim para o Benfica, desejaria ver a camisola rubra de um desportista do Benfica enlear-se num abraço amigo com uma equipa negra dos briosos estudantes de Coimbra.

O Benfica está em festa! Quarenta e dois anos de actividade na propaganda do desporto, ao fim dos quais perguntamos a nós próprios:

— O Benfica será só dos benfiquistas? Será, mas o que todos reconhecemos é que o Benfica é de facto um dos grandes e mais vistosos ornamentos do desporto nacional.

Fernando Sá

assim obteve honroso quarto lugar, e Aristides Martins, saindo fora do pelotão por pequena nvaria, mas que jamais deixou de lutar, vindo a classificar-se em quinto lugar.

Sarpreendea-nos a desistência de José Martins, numa altura em que o fim da prova estava passado, e ainda porque na primeira metade nunca chegara a evidenciar-se.

João Lourenço, ao que parece engripado, esteve em dificuldade, logo nos primeiros quilómetros. Também desistiram Jorge Pereira, por ter farrado e haver teimado em partir sem «tabos» sobreceleste; Tállo, Baltasar Rocha e Onofre Tavares, estes depois dum princípio de corrida voluntarioso, e Moarão, Paulo Ribeiro e Dias Santos, por fadiga.

Gil Moreira

Triunfo vimeirarense



A defesa de Guimarães sustentou bem o embate com os avançados portugueses. Eis a demonstração.



Machado apresta-se a defender. Armando estava em boa posição de remate



Uma defesa de Machado. Biri não chegou a tempo



Domingo desportivo



No domingo efectuaram-se várias provas desportivas, como sempre acontece. Portugal é um país desportivo.

Vemos, nesta página: em cima, o grupo de juniores do Estoril Praia e uma fase do jogo Belenenses-Cuf.

Ao meio, a chegada de Manuel Gonçalves, do Benfica, na prova dos 30 quilómetros, à chegada, e um aspecto da corrida.



Em baixo, um aspecto da despedida de Eduardo Gouveia, correcto jogador do Palmelense e, no Porto, Américo Teixeira, conhecido bilharista português, entrega uma Taça no Ateu, ao campeão Joaquim Rebelo.



Handwritten text at the top right of the page, possibly a name or date, which is mostly illegible due to fading.



Handwritten signature or initials located below the main illustration.

Stadium

A ILUMINANTE

**MATERIAL ELECTRICO
PARA
TODAS AS APLICACOES**

*Av. Almirante Reis, 6
L. do Intendente, 11 a 17
Lisboa*

*R. Passos Manuel, 209
Porto*

Esc. 2\$00